

AS EXPERIÊNCIAS DA ESCRAVIDÃO E ALFORRIAS NA CIDADE DE CANGUÇU/RS (1800-1888).

MONTEIRO, Ubirajara Soares¹

*Universidade Federal de Pelotas – UFPel
1 Acadêmico de História - Bolsista de extensão - biradosul@hotmail.com*

LONER, Beatriz Ana²

*Universidade Federal de Pelotas – UFPel
2 prof. Dra - bialoner@gmail.com*

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa os primeiros resultados da pesquisa, sobre a escravidão e alforrias na cidade de Canguçu¹ (1800-1888). O objetivo é compreender as relações de escravos e libertos na sociedade Canguçuense identificando os mecanismos de resistência do negro, suas especificidades, suas relações com os setores urbanos e outros grupos étnicos. O estudo dedica sua atenção principal no negro como agente central da resistência contra o sistema. Nesta perspectiva de reflexão interrogativa foi feita, a princípio, revisão bibliográfica. Acredita-se que estudar escravidão atualmente exige do historiador um cuidado minucioso na abordagem e interpretação das fontes em razão das divergências interpretativas existentes. Dentre as novas abordagens da história da escravidão sulina, existe uma que é o diálogo entre a experiência cativa e liberta. Optamos por este modo de estudo em razão de proporcionar ao negro um papel de sujeito e não de objeto nas relações sociais. Esta escolha analítica, além de complexa, é instigante, pelo fato dos aspectos interpretativos estarem em constante crítica.

No extremo sul do Brasil meridional não há dúvidas de ter existido o trabalho escravo. As pesquisas mais significativas sobre o assunto² na região estão basicamente relacionadas à cidade de Rio Grande e Pelotas. Esta última tem sua grande expressão na indústria saladeril. O escravo negro principal mão de obra desta empresa teve papel significativo na consolidação e formação de riqueza, de acordo com MELLO, 1994. “O escravo negro estabeleceu-se nos atuais territórios antes do início da ocupação oficial do sul (1737), mas foi a partir de 1780, com o início da produção de charque a nível industrial que se estruturou um sólido pólo escravista” (p.26). Pensar Pelotas neste contexto de formação social escravocrata sobre o regime dos senhores da carne salgada é importante, mas não podemos esquecer que existiam aglomerados sociais periféricos, assim como Freguesias, Vilas e até mesmo Cidades estavam ligadas diretamente ou indiretamente ao pólo escravista Pelotense. E Canguçu era uma destas.

Em se tratando do papel do negro escravo Canguçuense percebe-se atualmente o direcionamento dos estudos da resistência negra voltados para formação de quilombos na Serra dos Tapes. Lógico que entendemos a relevância e

1 **Caa- guaçu** era uma alusão a milenar mata grande que encobriu primitivamente a encosta da Serra dos Tapes voltada para a Lagoa dos Patos e que daria o nome a ilha de Canguçu, mais tarde chamada de ilha da Feitoria como parte da estância Feitoria depois de adquirida por esta. (Bento, 2000).

2 Ver obra escritor Claudio Moreira Bento.

utilidade de se estudar a resistência aquilombada. Porém nossa análise estará mais vinculada com as experiências do negro no espaço urbano, desde os primórdios da formação do povoado até o ano da abolição da escravatura nacional.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Nesta primeira etapa da pesquisa realizou-se uma prévia revisão bibliográfica, o inventariamento das fontes e as primeiras coletas em fontes primárias. No decorrer projeta-se utilizar com mais amplitude periódicos, documentos, inventários, processos crimes, mapas, livros de notas, livros de batismos etc.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim como ocorreu em muitas cidades do país, a ocupação do território e a fundação de Canguçu são oriundas da necessidade de uma estrutura de acomodação adequada para os tropeiros, aventureiros, contrabandistas e militares se deslocarem da região de fronteira para o povoado de Rio Grande ou vice versa. A região da Serra dos Tapes era um local estratégico no período da Guerra Guaranítica, pois fazia parte de caminhos históricos. Bento (2007, p.19) comenta um desses caminhos:

Durante a Guerra Guaranítica, o General Gomes Freire de Andrade estabeleceu, além dos já existentes na Vila de Rio Grande, os fortes de Santo Amaro, Rio Pardo e São Lourenço ao longo do rio Jacuí e mais o São Gonçalo no Rio Piratini. Da necessidade de apoiarem-se mutuamente, as terras de Canguçu começaram a ser devassadas pelos Dragões do Rio Pardo e a fazer parte do histórico caminho Rio - Grandense que ainda hoje liga Rio Pardo – Rio Grande, através do Camaquã.

Na grande maioria dos conflitos entre portugueses e espanhóis na região o negro esteve presente tanto de um lado quanto de outro. Confirmando as informações sobre a presença do negro regionalmente bem antes da formação das charqueadas, temos a personalidade na região de Rafael Pinto Bandeira que em dois de janeiro de 1774 comanda a seguinte tropa constituída de:

40 companheiros seus que trouxe da serra dos tapes, de encruzilhada do Duro³, provavelmente muitos pretos seus escravos gaudérios; 55 auxiliares do capitão Cypriano Cardoso, provavelmente muitos negros escravos seus e de outros estancieiros, entre o Jacuí e o Camaquã (BENTO, 1976, p. 87)

No final do século XVIII temos a fundação de um estabelecimento de produção, no qual se utiliza do trabalho escravo. Esta indústria é a Real Feitoria do Linho Cânhamo, na qual em 1783, o governo mandou instalar no local hoje conhecido como Canguçu Velho, com a finalidade de produzir duas plantas têxteis. Estes produtos eram usados, depois de tecidos, na fabricação de cabos e velas para

3 Encruzilhada do Duro: o historiador Cláudio Moreira Bento acredita se tratar da região onde hoje é a cidade de Canguçu.

embarcações⁴, conforme Bento:

A feitoria foi acionada por 72 escravos: 43 destes foram transferidos da antiga feitoria de Santa Cruz, dos quais 28 escravos homens e 15 mulheres – 29 provenientes da interceptação de um contrabando a Montevidéu, dos quais 16 homens e 13 mulheres (1976, p.97)

Verificamos novamente a presença do negro, não só no ambiente militar, mas também sua inserção no setor produtivo como mão de obra. Os dados mostram-se de significativa importância se comparar o número de 72 escravos na feitoria em sua fase inicial com a quantia de cativos que chegaram a trabalhar numa única charqueada no apogeu do ciclo charque, que foi em média cerca de oitenta indivíduos⁵.

Nosso estudo até este momento trouxe aspectos para comprovar que o negro já era coadjuvante nos primórdios da história do Rio Grande do Sul, em especial na região conhecida como Serra dos Tapes. Nossa investigação inicial busca entender o negro como agente urbano na cidade de Canguçu atuando como sujeito nas relações sociais. Para esta primeira observação parcial nos detemos na pesquisa feita por NEVES, 1998. Na qual discorre sobre os primeiros habitantes daquele vilarejo, abordando numa ordem cronológica e genealógica embasada nas atas de batismos da Igreja matriz, as origens étnicas dos primeiros moradores, este estudo inicial nos mostrou que:

Das crianças nascidas e batizadas entre 1800-1813 tinha-se 1148 de cor branca, 83 pardas, 47 índias e 48 expostas que era a denominação de enjeitadas sem maternidade e paternidade definidas, conforme a costume da época eram deixadas em rodas de instituições religiosas que as criavam (p.11)

Estes dados sobre o batismo de moradores são uma rica fonte de análise, perguntas nos surgem quando existe o batismo de não brancos, ou seja, temos o batismo de pardos e índios, mas nenhum batismo de negros. Será que estes expostos seriam negros? Isto é algo que ainda temos que desvendar, mas já sabemos que existiam etnias diferentes em contato, os índios, os brancos e os negros.

Observa-se em análise prévia a presença do braço escravo na Real Feitoria de Linhamo Cãhamo. Já percebemos num primeiro momento escravos batizando seus filhos como no caso de *“Ana, escrava de Bento Antonio de Toledo, Mãe de: Joaquina, parda, liberta, batizada a 13.06.1812 assento 17.09.1812(243v), padrinhos: Manoel José de Oliveira e Rosa Jacinta (NEVES, 1998, p.69).* Este fato de uma escrava batizar um de seus filhos, no caso uma menina parda e liberta é algo de significativa importância para nosso estudo pois mostra o cativo atuando e participando da vida social, pois o ato de batizar traz consigo a busca de inserção na sociedade e na religião predominante.

4 BOSENBECKER, Laedy Bachini. Aspectos da história de Canguçu.

5 MAGALHÃES, Mario Osório. Oportunidade e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860 – 1890). Pelotas: EdUFPel, 1993. p.53

4 CONCLUSÕES

As análises parciais feitas ao longo deste trabalho demonstraram que o negro esteve presente na região da então Serra dos Tapes muito antes da formação das charqueadas. Mostra que na cidade de Canguçu as relações entre escravos e libertos no ambiente urbano existiu. Foi possível constatar uma escrava batizando sua filha, parda, liberta já nos primórdios da formação do município. Contudo, como enfatizado no decorrer deste estudo a pesquisa ainda está em fase inicial, mas perceberam-se características de relações negociadas entre dominadores e dominados na Cidade.

5 REFERÊNCIAS

- AL-ALAM, Caiuá Cardoso. **A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)**. Pelotas: Edição do autor; Sebo Icária, 2008.
- ARRIADA, Eduardo. **Pelotas. Gênese e desenvolvimento urbano**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.
- BENTO, Cláudio Moreira. **Canguçu reencontro com a história**. 2ª ed. Barra Mansa: Irmãos Drummond Ltda, 2007.
- BENTO, Cláudio Moreira. **O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)**. Porto Alegre, 1ª edição, Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1976.
- BENTO, Cláudio Moreira. **Real Fitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu**. (1783-89). 1992.
- BENTO, Claudio Moreira. **Canguçu 200 anos**. 1ª ed. Canguçu: ACANDHIS, 2000.
- BOSENBECKER, Laedi Bachini. **Conhecendo Canguçu**. 1ª ed. Canguçu: R & C Informática, 2004.
- LONER, Beatriz. Abolicionismo e Imprensa em Pelotas. ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa, História, literatura e informação**. Anais do II congresso internacional de Estudos Históricos. Rio Grande: ED.FURG, 2007, p. 57-64.
- MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860 – 1890)**. Pelotas: EdUFPel, 1993.
- MELLO, Marco Antonio Lírio de. **Reviras, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas**. Pelotas: Universitária, UFPel, 1994.
- NEVES, Ilka. **Canguçu –RS. Primitivos moradores**. Primeiros batismos. 1ª ed. Pelotas: Universitária/UFPEL, 1998.